



ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DE TEXTOS PRODUZIDOS POR ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS: PRIMÓRDIOS

Simone de Sousa Naedzold¹
snaedzold60@gmail.com

Wendell Camilo Deposiano²
wendellcamillo@yahoo.com.br

RESUMO: Neste texto, apresentamos análise sociolinguística de produções textuais elaboradas por estudantes do norte de Mato Grosso, matriculados no ensino fundamental anos finais. Utilizamos a sequência didática como procedimento metodológico e os fundamentos da pesquisa interpretativista aliada aos pressupostos da pesquisa qualitativa e as análises descritivas e reflexivas no aporte da Sociolinguística Variacionista. Nos textos dos estudantes, apresentamos as intervenções pedagógicas no sentido de propiciar aos estudantes a reflexão sobre as diversas manifestações de linguagens presentes em nossa sociedade, mostrando as variações fonológicas/fonéticas, morfológicas, sintáticas, morfofonológicas, morfossintáticas, lexicais e discursivas presentes nos textos dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista. Sequência Didática. Variações. Intervenção Pedagógica.

RESUMEN: En este texto, presentamos análisis sociolingüístico de producciones textuales de estudiantes de Mato Grosso, matriculados en la enseñanza fundamental años finales. Utilizamos la secuencia didáctica como procedimiento metodológico y los fundamentos de la investigación interpretativista aliada a los presupuestos de la pesquisa cualitativa y análisis descriptivos y reflexivos en el aporte de la Sociolinguística Variacional. En los textos de los estudiantes, presentamos intervenciones pedagógicas en el sentido de propiciar la reflexión sobre las diversas manifestaciones de lenguajes presentes en nuestra sociedad, mostrando las variaciones fonológicas/fonéticas, morfológicas, sintáticas, morfofonológicas, morfosintáticas, lexicales y discursivas presentes en los textos de los estudiantes.

PALABRAS CLAVE: Sociolinguística Variacional. Secuencia Didáctica. Variaciones. Intervención Pedagógica.

Introdução

¹Professora da rede estadual de Mato Grosso, Sinop. Pesquisadora Mestranda do Mestrado Profissional em Letras, Proletras, área de Linguagem e Letramentos, Câmpus da Unemat/Sinop. Agradeço à CAPES pelo fomento em forma de bolsa para realizar o curso de mestrado que tem proporcionado estudos e possíveis publicações. E-mail: snaedzold60@gmail.com.

²Professor da rede estadual de Mato Grosso, Nova Mutum. Pesquisador Mestrando do Mestrado Profissional em Letras, Proletras, área de Linguagem e Letramentos, Câmpus da Unemat/Sinop. Agradeço à CAPES pelo fomento em forma de bolsa para realizar o curso de mestrado que tem proporcionado estudos e possíveis publicações. E-mail: wendellcamillo@yahoo.com.br.

Este trabalho apresenta análise de dados coletados através do planejamento e da aplicação de uma sequência didática que buscou saber quais conhecimentos possuem os estudantes do ensino fundamental anos finais sobre variação linguística. Nele, observamos o conceito, as certezas e as inquietudes que estudantes de 12 e 13 anos têm sobre a temática. O que propusemos foi a apresentação de conceitos usados na Sociolinguística e a reflexão sobre os mesmos com os estudantes. Não procuramos saber como a escola trabalha esta temática e sim o que os estudantes conhecem e como usam a variação linguística. Elegemos a língua falada pelos estudantes em relação com a escrita e observamos a relação destas com as variedades de prestígio apregoadas nos pressupostos teóricos de Marcos Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2008), como base para a nossa análise, além disso, utilizamos o procedimento sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) para embasar nosso planejamento.

Por sua vez, estudos envolvendo a variação linguística estão sendo feitos em várias regiões do Brasil. Isso é muito importante porque mostra a preocupação dos educadores com a temática e com a divulgação do aporte teórico da Sociolinguística.

Nos currículos escolares da educação básica, muitas são as atividades propostas para desenvolver nos estudantes capacidades básicas de interação social. A maneira de falar de cada pessoa, dependendo do contexto, pode provocar reações ora positivas, de admiração, ora negativas, de preconceitos. Essas reações também podem ser temas de reflexão em sala de aula, pois ali se protagonizam diversas possibilidades de ação que podem ser usadas como pretextos para iniciar uma análise coerente do uso da linguagem de cada um.

Um dado interessante nas muitas pesquisas que lemos é que a maioria delas é realizada considerando a língua portuguesa, enquanto disciplina, como se a língua da geografia, da matemática, da história, da arte não fizessem parte do universo dos estudantes. Ou seja, se considera, nessas pesquisas, o que os estudantes aprendem em língua portuguesa, mas se ignora, na maioria das vezes, o que ele construiu em geografia, história, matemática. Este de fato não é nosso foco aqui, mas fica a sugestão para reflexões futuras.

Sociolinguística e variação linguística

Nas muitas ações interventivas que desenvolvemos nas escolas em que atuamos, percebemos que os estudantes do ensino fundamental anos finais, que compreendem os 6º, 7º, 8º e 9º anos, estão muito participativos e conseguem apreender os diferentes falares. Às vezes pesa mais a questão ética que a linguística, ou seja, é mais interessante tirar sarro, fazer piadinhas ou dar risada mesmo, do que ser alteroso, se colocar no lugar do outro, estudar e entender por que se fala desta e não daquela maneira. Porque o outro, também, quando em situações de oportunidades, faz a mesma coisa.

Marcos Bagno (2007, p. 210) explicita que “mais raro, mais difícil – porém muito mais importante para o convívio democrático e para a construção de uma ética cidadã – é investigar os fenômenos de variação e mostrar que eles têm uma razão de ser”. E é esta cultura que precisamos fomentar na escola. A cultura do respeito ao modo de falar do outro; de entender que também temos a nossa cultura, o nosso falar e que não podemos aceitar nenhum tipo de discriminação ou preconceito em função disso.

Mas, para além das questões éticas, há questões linguísticas que nem sempre estão claras para quem estuda nesta faixa etária. Vale ressaltar que a questão dos conceitos e dos preconceitos é frequente e acaba gerando situações de constrangimento. Neste sentido, neste trabalho de pesquisa interventiva, nosso foco é apresentar alguns pontos de vista que a Sociolinguística defende e fazer com que os estudantes reflitam sobre variações linguísticas, se coloquem no lugar do outro em situações reais de conversação e iniciar um processo de valorização da diversidade linguística presente nos contextos escolares, *lócus* de desenvolvimento desta pesquisa e ainda comparar as variações com a linguagem de prestígio social, cobrada em concursos, provas nacionais de aferição de conhecimento, como PISA³, ENEM⁴, Prova Brasil⁵.

Segundo Silva (2013, p. 11, grifo da autora), “A **linguística** é a ciência que investiga os fenômenos relacionados à linguagem e que busca determinar os princípios e as características que regulam as estruturas das línguas”. Já a Sociolinguística, segundo Bagno (2007, p. 28), “[...] surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada”. Deste

³Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33571>. Acesso em: 30 maio 2017.

⁴ Exame Nacional do Ensino Médio. Disponível em: <https://enem2017.biz/>. Acesso em: 30 maio 2017.

⁵ Prova Brasil. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>. Acesso em: 20 maio 2017.



modo, há mais de 50 anos estamos em processo de estudos dos diferentes modos de falar e das mudanças na fala promovidas por contatos entre línguas.

Neste sentido, Bagno (*idem, ibidem*) esclarece que “O estudo da variação e da mudança na perspectiva sociolinguística foi impulsionado sobretudo por William Labov (nascido em 1927), que se tornou o nome mais conhecido da área”. E este estudo mostra que a língua é variável, porque seus falantes não são iguais. Cada um tem sua cultura, sua comunidade de fala, seus traços multiculturais. Bagno (2007, p. 197) acrescenta ainda que “[...] a língua é variável, apresenta diversas maneiras de dizer a mesma coisa, e que cada uma dessas maneiras corresponde a um tipo específico de interação verbal, falada ou escrita, mais ou menos formal etc.”.

A cada dia nos deparamos com situações que exigem de nós, educadores, conhecimento e tranquilidade para discutirmos alguns temas que aparecem na sala de aula e que por diversas razões não estavam em nosso planejamento. Uma dessas questões é, sem dúvida, a variação linguística ou os diferentes falares de nossos estudantes.

No contexto geográfico de nossa pesquisa, localizado no norte de Mato Grosso, há uma migração bastante grande. Muitas famílias se mudam de outros estados para estes espaços em busca de uma situação social melhor para a família e mudam também de uma cidade matogrossense para outra. Souza (2013, p. 103) afirma que “Diante dos problemas sociais, populações de cidades regionais, como Sinop, Sorriso e Cuiabá recebem a maior parte da migração de retorno (ou reflexo) do extremo norte de Mato Grosso”. Agregamos aqui a cidade de Nova Mutum, que também está na rota de migração. Cabe ressaltar que as crianças dessas famílias de migrantes são matriculadas nas escolas e trazem consigo as marcas características da linguagem. Deste modo, podemos afirmar que não há um tempo certo para receber estas matrículas e assim, ao longo do ano, estas distintas variações linguísticas adentram aos portões das escolas.

As pesquisas referentes à Sociolinguística Quantitativa e os estudos sobre variação linguística começaram, segundo Cunha (2012, p. 4), “Em 1968, com base na proposta de Weinreich, Labov e Herzog, [...] com o intuito de descrever a língua e seus determinantes sociais e linguísticos, levando em conta o seu uso variável”. Desde então, uma gama de testes, amostras, pesquisas de campo, livros e artigos publicados inclusive na *internet*, estão à disposição de estudiosos e interessados na área.

Muitos documentos nos mostram que, ao longo do tempo, as línguas sofrem mudanças fonológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas, lexicais, estilísticas e ainda discursivas. Este processo se observa principalmente na língua falada. Alkmim (2003, p. 31) assevera que a “[...] Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”. As línguas, por sua vez, não são estáticas e nos contextos reais dos falantes há também o contato com outras línguas e variedades e este processo provoca mudanças.

O que ocorre, muitas vezes, é que em alguns momentos da história essas mudanças não foram aceitas e, por isso, consideradas inadequadas. Camacho (2003, p. 55) esclarece que “Se as línguas naturais humanas consistem em sistemas organizados de forma e conteúdo, seria estranho que a variação não fosse uma de suas propriedades mais marcantes e significativas”, considerando que a mesma vai ocorrer queiram as pessoas ou não. Este autor (*idem*, p. 56) afirma ainda que “Toda mudança é o resultado de algum processo de variação, em que ainda coexistem a substituta e a substituída”. E este processo pode durar anos. Vejamos o exemplo dado por Nascentes (1956, p. 116) de um processo de evolução de uma variação: “Vossa Mercê – vossemecê – vosm’cê – voscê – você – ocê – cê”.

A Sociolinguística tem contribuído para que possamos entender melhor os contextos de variações e mudanças linguísticas. Nas comunidades de fala, percebemos as variações e como elas se modificam no decorrer dos anos podendo ser, também, influenciadas pelo contato com pessoas de região geográfica distinta ou de língua materna diferente. Oliveira (2013, p. 03, grifo da autora) neste sentido pontua que

Os estudos da **Sociolinguística** [...] são voltados para a relação entre língua e sociedade, em busca de sistematizar as variações da língua falada por intermédio de pesquisa [...]. Foca a sistematização das variedades linguísticas [...] de forma a estudar sua estrutura e evolução no contexto social da comunidade em que se pratica a fala.

Neste texto, nos interessa as variedades linguísticas faladas pelos estudantes de Nova Mutum em contextos reais de atuação. Bagno (2007, p. 207, grifos do autor) nos alerta que



[...] devemos prestar toda a atenção possível ao que está acontecendo no espaço pedagógico em termos de discriminação, desrespeito, humilhação e **exclusão por meio da linguagem**. É inadmissível, nos dias de hoje, que o modo de falar de uma pessoa continue sendo usado como justificativa para atitudes preconceituosas e humilhantes.

Com estas falas de Bagno, somos levados a procurar compreender melhor como acontece a educação ou reeducação sociolinguística, com o objetivo de elevar a autoestima linguística, principalmente de nossos estudantes. Ainda com relação a esta temática, compreendemos, juntamente com Bagno (2007, p. 38, grifos do autor), que “**nada na língua é por acaso** e que todas as maneiras de falar são lógicas, corretas, bonitas” sendo assim não existem motivos para que as variedades sejam ridicularizadas e as pessoas que as falam discriminadas.

Entendemos, por exemplo, que o modo de falar de uma pessoa de origem alemã é diferente de outra de origem francesa ou italiana. A língua não é homogênea, assim como as sociedades também não são. Bagno (2007, p. 38), dessa forma, afirma que o objetivo da Sociolinguística “é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma construindo a outra”. Ainda segundo este autor (*idem, ibidem*), “Para o sociolinguista, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que esta língua é falada”.

Vale ressaltar, contudo, que, no ambiente de ensino, cada professor possui uma metodologia, uma dinâmica que desenvolve a cada dia com cada turma, esse envolvimento faz com que sejamos referência em muitos assuntos. Dependendo do modo como abordamos um assunto, resolvemos um problema ou nos posicionamos sobre alguma polêmica, marcamos a vida educacional do estudante. Quando nos referimos à variação linguística nos contextos de sala de aula, isso não é diferente. Em função das distintas origens dos estudantes, concordamos com Bagno (2007, p. 207, grifo do autor), quando afirma que “As **atitudes** da professora em sala de aula, no tratamento dado aos fenômenos de variação linguística, podem exercer uma grande influência no comportamento de seus alunos”, tanto de modo positivo como negativo.

Variações linguísticas nos livros didáticos

Nos dias atuais, os livros didáticos ocupam um espaço bem grande na disseminação dos currículos escolares, na organização do conteúdo e inclusive na sequência como este é trabalhado nas diferentes escolas. Incluímos este item em nosso texto porque entendemos o mesmo como parte importante e indissociável do processo de atuação nossa como professores.

Os livros didáticos que o Ministério da Educação brasileiro envia às escolas – nem sempre os escolhidos pela comunidade escolar – já estipulam quais conteúdos serão trabalhados por bimestre.

Contudo, cabe ressaltar que nos livros didáticos de língua portuguesa ainda, muito pouco se fala em variação linguística. Bagno (2007, p. 119) afirma que “[...] o tratamento da variação linguística nos livros didáticos continua sendo um tanto problemático”, pois os autores destes livros falam do assunto em um ou dois capítulos da coleção, geralmente de 6º a 9º anos e nas demais partes do livro a referência é a gramática normativa. Outro aspecto observado por Bagno (2007, p. 119) é referente à base teórica dos autores dos livros didáticos sobre a variação e afirma que “[...] a falta de uma base teórica consistente e, sobretudo, a confusão no emprego dos termos e dos conceitos prejudicam muito o trabalho que se faz nessas obras em torno dos fenômenos de variação e mudança”.

Como exemplo, podemos citar Oliveira *et alii* (2012, p. 64) que usaram o termo “norma urbana de prestígio”, em que a palavra “norma” se contrapõe à “variedades prestigiadas” usada por Bagno (2007, p. 106). Já em Oliveira *et alii* (2015, p. 64), os autores utilizam o termo “norma-padrão” no mesmo contexto situacional. Esse exemplo mostra que os autores dessas duas edições (2012, 2015) do mesmo livro didático não têm um conceito claro com relação à variação linguística e alteram a terminologia de uma edição para outra, sem mostrar ao menos ao professor esta mudança.

Este processo de o currículo escolar ser norteado pelo livro didático não tem surtido, contudo, o efeito necessário. Em Mato Grosso, seguimos as Orientações Curriculares para a Educação Básica, mas os eixos/capacidades/descriptores pouco aparecem nos livros didáticos e, deste modo, há uma incoerência. Neste contexto, os estados amargam a cada ano um índice cada vez mais baixo em resultados de provas oficiais aplicadas pelo governo federal, e esta é outra incoerência. Inclusive indagamos se os conteúdos das provas aplicadas pelo governo consideram as capacidades que os

estudantes precisam desenvolver e que estão nos livros didáticos. Mas este é assunto para outro artigo.

Um traço marcante numa boa parte dos livros didáticos é mostrar a variação linguística somente de pessoas não escolarizadas ou que vivem na zona rural. Como se as pessoas que vivem em núcleos urbanos e escolarizadas não fizessem uso da variação. Com relação a esta temática, Bagno (2007, p. 120) afirma que “Um dos principais problemas que encontramos nos livros didáticos é uma tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas”.

Por outro lado, os estudos que se fazem em torno da variação linguística mostram sempre uma realidade particular, específica de uma comunidade linguística. Por influência de vários fatores, contudo, as mudanças não ocorrem da mesma forma com todas as pessoas de uma mesma comunidade. Em sala de aula, essa diversidade de falas aparece em nosso *lócus* de pesquisa, e é necessário destacamos que estamos numa região migrante e cada um dos estudantes traz a sua identidade linguística. Nesse sentido, Bagno (2007, p. 216) orienta que

[...] no nosso trabalho de reeducação sociolinguística, devemos dar especial atenção a esses fenômenos variáveis. Principalmente, quando eles ocorrem na fala ou na escrita dos nossos alunos, temos de saber reconhecê-los, analisá-los com bom instrumento teórico e tomar as decisões mais adequadas a respeito do que fazer com eles em sala de aula.

Entendemos, assim, com Bagno, que este é um dos caminhos para que a educação sociolinguística possa diminuir ou amenizar as consequências do preconceito linguístico em sala de aula e, conseqüentemente, na sociedade.

Variação e tipos de variação

A variação linguística, como já afirmamos, sempre ocorreu na língua seja por influência da origem do falante seja por contato entre línguas e as variações vão continuar, porque somos seres de comunicação e como tais usamos a língua de acordo com o contexto. Quando ouvimos alguém falar “galça” por “garça”, olhamos, buscamos

refletir e entender o que acontece linguisticamente. Mas é que nesta situação, para o senso comum, ninguém vai dizer: “Olha, a pessoa faz uso de traços linguísticos descontínuos que se intitulam lambdacismo”. A primeira reação, assim, será o estranhamento e a intenção/ação é a risada.

Às vezes, a pessoa que ri ou faz piada ou alguma observação imprópria nem tem a consciência que está ouvindo uma variedade do português, mas acha engraçado e ri. Há casos (muitos) de que aquele que faz piada também faz uso de uma variedade linguística, diferente das variedades de prestígio, conforme o conceito de Bagno (2007). Neste sentido, este autor (2007, p. 136, grifos do autor) afirma que “O estudo da variação linguística é fundamental, entre outras coisas, porque ajuda a gente a compreender o fenômeno da *mudança linguística*”. Compreender para respeitar e valorizar.

Para a Sociolinguística, a variação precisa ser explicitada e explicada e não para que seja ridicularizada, mas, e principalmente, para ser compreendida e respeitada. Abaixo esboçamos a pesquisa que realizamos com relação às variações linguísticas.

Variação fonético-fonológica

A fonologia, de modo geral, estuda e descreve os sons da fala. Segundo Silva (2013, p. 24, grifo da autora), “A **fonética** é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala”. E a fonologia é o estudo desses sons. Quando estes sons se alteram na fala acontece a variação fonológica ou fonética.

Nas diferentes regiões do país e devido aos muitos idiomas sejam indígenas ou de imigrantes, há uma diversidade de sons para a mesma letra. Gorski e Coelho (2009, p. 77) nos explicam que “no plano fonético-fonológico – as vogais /e/ e /o/ pretônicas, como nas palavras “serrado” e “novela”, são pronunciadas como vogais abertas (é, ó) no nordeste e como vogais fechadas (ê, ô) no sudeste e no sul”. Já o sociolinguista Marcos Bagno (2007, p. 39, grifos do autor) referindo-se a esta temática explicita que “a variação ocorre em todos os níveis da língua”, e, para nos mostrar como ocorre a “variação fonético-fonológica”, nos pede que pensemos “[...] em quantas pronúncias [conhecemos] para o R da palavra PORTA no português brasileiro”.

Há também a troca da alveolar sonora /d/ pela surda /t/, por exemplo, nas palavras “namorando” por “namoranto”, “antanto” por “andando”, comuns na fala de descendentes de alemães. Conforme Redel e Martiny (2016, p. 205, grifo das autoras), “A explicação linguística para essa interferência é que no *Hunsrückisch* [...] inexistente a oposição surda-sonora, levando a ausência dessa distinção em português”. E as mesmas autoras ainda explicam que (2016, p. 205) o fenômeno da dessonorização “[...] aparece em registros já de textos escritos no séc. XIX, como mostra uma carta de um imigrante de 1897 (escrita em Cruz Alta, RS, em 27/07/1897), onde se leem formas como <dampem>, em lugar de também, e <pastante>, para bastante”.

Outra variação fonética é a monotongação. Hora (2014, p. 25-26) explica que “ocorre monotongação quando um ditongo (vogal + glide) é realizado como uma vogal simples, ou seja, a semivogal da sequência é apagada [...] Ex.: c[aj]xa ~ c[a]xa, [...] b[aj]rro ~ *b[a]rro/m[ej]go ~ *m[e]go/m[ej]ga ~ *m[e]ga”.

Esta variação contrasta com a ditongação na fala que, segundo Coutinho (1987, p. 110) citado por Hora e Aquino (2012, p. 1107, grifos dos autores), “No português do Brasil [...] a ditongação na fala, [ocorre] com vogal em posição tônica final de palavras seguida de /s/ ou /z/: *gás ~ gais, rapaz ~ rapais*”.

A escrita alfabética com correspondência trocada pela mudança de som é outro traço de variação fonética. Segundo Oliveira (2005, p. 50, grifos do autor), “Esse caso também é bastante comum [...], ao ouvir as palavras do ditado o aluno as repete, sussurrando. Aí os sons se ensurdecem e, como consequência, vem a troca de letras. Veja alguns exemplos: ‘cheito’ por **jeito**, ‘cato’ por **gato**, ‘papa’ por **baba**”.

O som de /l/ palatal no final das sílabas também é bastante comum. Redel e Martiny (2016, p. 205) mostram em suas pesquisas que esta troca ocorre “[...] em dialetos do sul do Brasil”.

Com relação à nasalização, Redel e Martiny (*idem, ibidem*) afirmam que “[...] há a ocorrência de “non”, substituindo o ditongo nasal –ão por –on,”.

Todos esses traços de variação fonológica mostram as mudanças que as línguas em contato ou variedades linguísticas provocam na maneira de pronunciar as palavras em diferentes situações.

Existem, ainda, algumas classificações dentro da Sociolinguística que merecem um destaque especial. É o caso dos traços linguísticos que Marcos Bagno (2007, p. 142,



grifos do autor) chama de traços contínuos, “[...] que aparecem na fala de *todos os brasileiros*, independente de sua origem social, regional etc.”, e descontínuos, “[...] aqueles que aparecem principalmente na fala dos brasileiros de origem social humilde, de pouca ou nenhuma escolaridade, de antecedentes rurais etc.”. Estes, segundo o autor (*idem*, p. 143, grifos do autor), “[...] sofrem a **maior carga de discriminação e preconceito** na nossa sociedade”.

Alguns traços linguísticos descontínuos são nomeados, segundo Bagno (2007), de rotacismo, que é a substituição da consoante “l” por “r”, como exemplos, podem-se citar “bicicreta” por “bicicleta” e “grobo” por “globo); e de lambdacismo, que é a substituição da consoante “r” por “l”; exemplificado com “galfo” por “garfo” e “galça” por “garça”.

Em nosso ambiente de trabalho, junto de nossos estudantes precisamos ter a postura de seguir o que Bagno (2007, p. 208, grifos do autor) recomenda, ou seja, “[...] trabalhar com **falas autênticas**, com documentos que ilustram a realidade da variação linguística do português brasileiro”. Estas falas podem ser as nossas, a de nossos colegas, estudantes e pessoas da comunidade em geral.

Vale ressaltar, contudo, que assim como não é possível trabalhar com um só gênero, também não é possível trabalhar com uma única categoria de análise das variações linguísticas. Pois sempre que há, por exemplo, variação fonológica, muito provavelmente, haverá variação morfológica, ou sintática, ou discursiva, ou semântica.

Variação morfológica

A morfologia é o estudo da estrutura, da formação e da classificação das palavras. Quando ocorre alguma mudança neste nível dizemos que houve variação morfológica. A morfologia, tradicionalmente, compreende as dez classes de palavras da língua portuguesa. Ou seja, verbo, advérbio, pronome, artigo, numeral, substantivo, preposição, adjetivo, conjunção, interjeição e tudo o que se refere a elas. França, Ferrari e Maia (2016, p. 95) nos dizem que “[...] a variação morfológica é [...] inerente a toda e qualquer língua, refletindo aspectos linguísticos e socioculturais relevantes, bem como diferenças interculturais”.

Ao falarem sobre variações regionais, Gorski e Coelho (2009, p. 77, grifos das autoras) afirmam que as mesmas ocorrem em todos os níveis linguísticos e exemplificam que “no plano morfológico – o sufixo derivacional –(z)inho agregado à palavra *pai* resulta em *painho* na Bahia e *paizinho* nas demais regiões do Brasil”. Bagno (2007, p. 40, grifos do autor), ao analisar esta mesma variação, nos diz que “as formas PEGAJOSO e PEGUENTO exibem sufixos diferentes para expressar a mesma ideia”.

Variação sintática

A sintaxe estuda a disposição das palavras nas frases e das frases no discurso. Sujeitos e tipos de sujeitos, predicados, adjuntos, orações, períodos compostos por coordenação, subordinação. Todo este universo faz parte da sintaxe e, conseqüentemente, tudo que modificar esta organização constituída é variação sintática.

Gorski e Coelho (2009, p. 77, grifos das autoras) exemplificam este tipo de variação afirmando que “[...] no plano sintático – a posposição da negação como em *vou não* é típica do nordeste, a dupla negação como em *não vou, não* é comum no sudeste (especialmente no Rio de Janeiro), e a anteposição da negação como em *não vou* é preferida no sul [...]”. Já Bagno (2007, p. 40, grifos do autor) nos indica que esta variação pode ser a “mudança na ordem das palavras na frase e a função que elas ocupam na mesma”. E ainda (*idem, ibidem*) cita como exemplo:

[...] nas frases UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM PREVÊ O FINAL/
UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM PREVÊ O FINAL DELA/ UMA
HISTÓRIA CUJO FINAL NINGUÉM PREVÊ, o sentido geral é o
mesmo, mas os elementos estão organizados de maneiras diferentes.

Mas não é só isso. Na sintaxe há regras de concordância, ou seja, desde sempre o sujeito deve concordar com o predicado. Assim, quando há uma mudança nesta estrutura, dizemos que há variação sintática.

Variação morfossintática

As variações morfossintáticas são as variações sintáticas e morfológicas que ocorrem ao mesmo tempo na fala das pessoas. Bagno (2007, p. 132, grifos do autor) esclarece que “[...] existe um nível mais profundo de variação linguística que em geral é pouco abordado: a **variação morfossintática**, ou seja, os usos diferenciados que cada grupo social faz dos *recursos gramaticais* da língua”.

Pensando neste processo e considerando que estamos em sala de aula, entendemos que se faz necessário e urgente realmente uma reeducação sociolinguística, pois, conforme Bagno (2007, p. 133, grifos do autor), “o paradigma verbal que ainda vem estampado nas gramáticas normativas [e nos livros didáticos] não corresponde a absolutamente *nenhum* dos muitos usos da língua”.

Variação lexical

O léxico é composto por todas as palavras que compõem um idioma. No caso da língua portuguesa, conforme Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015, p. 185, grifos dos autores), “O livro que define a forma correta de escrita de uma palavra é o *Vocabulário ortográfico de língua portuguesa*”, editado pela Academia Brasileira de Letras. Vale ressaltar que, para os autores, a “forma correta” refere-se à norma-padrão do português brasileiro.

Por sua vez, a variação lexical se configura, de modo geral, quando palavras diferentes significam a mesma coisa. Gorski e Coelho (2009, p. 77) exemplificam esta variação afirmando que “no plano lexical – as palavras “pandorga, papagaio e pipa” marcam diferenças regionais entre os falantes”. E Bagno (2007, p. 40, grifos do autor), sobre este tema, afirma que “as palavras MIJO, XIXI e URINA se referem à mesma coisa”.

Esta variação, assim como as demais, é muito importante. Em vários livros e artigos que versam sobre esta variação costuma-se usar, como exemplo de sinônimo, as palavras aipim e mandioca. Porém, na primeira comunidade de fala da pesquisadora Simone de Sousa Naedzold, nascida em Imaruí, cidadezinha localizada no interior do litoral de Santa Catarina, as palavras aipim e mandioca não são sinônimos. A mandioca, substantivo feminino, é usada para fazer farinha, polvilho, beiju e não é comestível de forma cozida, por exemplo, tendo em vista que o contato da mandioca com a água



quente faz a mesma endurecer. O que é diferente do aipim, substantivo masculino, que é comestível e ao contato com a água quente amolece. Mas, assim como a mandioca, o aipim também serve para fazer farinha, polvilho e beiju.

O estranhamento, neste caso, foi causado porque ao considerarmos o gênero “regras de jogo”, qualquer jogo, esperávamos que os estudantes usassem a palavra jogadores, mas não foi isso que aconteceu.

Variação discursiva

A variação discursiva é um recurso linguístico usado para manter a conversação, pedir ao outro confirmação de fala, pedir atenção e é perceptível praticamente em todos os falantes. É um recurso usado na escrita para dar coesão ao texto que se estiver escrevendo. Gorski e Valle (2016, p. 84) afirmam que as variações discursivas atuam como “requisitos de apoio discursivos” ao diálogo. Este recurso, portanto, é usado tanto na fala quanto na escrita. As mesmas autoras (*idem, ibidem*) esclarecem ainda que

Ainda no âmbito da sociolinguística variacionista, o termo *discurso* tem sido utilizado com diferentes acepções: pode se referir à organização da linguagem acima da sentença, remetendo à ideia de texto, e/ou pode remeter ao uso linguístico na interação, envolvendo também aspectos pragmáticos.

No entendimento dessas autoras (2016, p. 81), a variação discursiva é “[...] o processo que envolve fenômenos variáveis no nível discursivo tomados como objeto de análise, bem como condicionamentos de natureza discursiva”. Gorski e Coelho (2009, p. 77) exemplificam tais fenômenos afirmando que “[...] no plano discursivo – facilmente associamos o “bah” ao gaúcho, “ôrra meu” ao paulista, o “me’rmão” ao carioca, o “pronto” ao nordestino, e assim por diante”. Esta variação se desenvolve de modo diferente em diferentes regiões.

Procedimentos metodológicos

Nestes tempos de mudanças tão rápidas, vemos que a aprendizagem dos estudantes e porque não dizer a nossa, como educadores, está cada dia mais frágil, mais



questionada, mais desejada. A escola, enquanto *lócus* de disseminação de construção de conhecimento, lança olhares, às vezes, ao nada, por não saber que caminho seguir, em virtude de tantos caminhos apresentados. Nesse sentido, Silva, Silva, Ayres e Naedzold (2012, p. 91) afirmam que “A escola como um todo necessita de novos olhares, novos sentimentos, novos sentidos e interações em prol de uma educação que tenha em sua concepção os envolvidos como sujeitos e atores sociais do seu fazer e estar no mundo e na sociedade”.

Estas autoras (*idem*, p. 81) afirmam ainda que a tecnologia, a informatização, as redes sociais de comunicação estão ao alcance de quase todas as pessoas. Este tempo quase instantâneo e este espaço em permanente movimento precisam ser observados. Pois, com o “[...] avanço da informatização dos espaços sociais, a escola é uma das instituições que teve a introdução das novas tecnologias em seus cenários educativos, o que provocou forte alteração, principalmente, no que se refere à organização do tempo e espaço”.

Neste contexto, os profissionais precisam se adequar às práticas pedagógicas, estar inseridos nelas e estudar o que está sendo divulgado neste campo do saber. Para tanto, Bortoni-Ricardo (2008, p. 11) nos esclarece que “Durante o século XX, a humanidade avançou mais na produção de conhecimento científico do que em todos os milênios de sua existência até agora”. Isso indica que temos muito para estudar e selecionar para que possamos usar em sala de aula.

Contudo, observando a afirmação da autora (2008, p. 12), de que “O conhecimento científico tem avançado juntamente com a história da humanidade”, pode-se inferir que os conhecimentos que se referem à educação não têm chegado a seus destinatários com qualidade, pois, se assim fosse, não teríamos tantos problemas com a aprendizagem, visto que muitas pesquisas e pesquisadores têm se debruçado sobre este tema e muitas são as “receitas” para diminuir a distância entre o que o estudante sabe e o que deveria saber no seu ciclo de aprendizado/idade/matricula escolar.

Neste sentido, procurando fazer esta ponte entre o conhecimento científico e a sala de aula e, para mostrarmos nossas ações de modo claro, partimos de um planejamento previamente pensado para as condições que tínhamos: salas de aula do ensino fundamental anos finais, com estudantes entre 12 e 15 anos, regularmente



matriculados na rede de ensino de Mato Grosso, embasados em orientações de pesquisas e pressupostos curriculares federais e estaduais.

Entendemos que, quando estamos em sala de aula com os estudantes, vivenciamos suas realidades e partimos delas para podermos atuar com mais eficiência e fazer com que nossas intervenções sejam mais claras e precisas na resolução de um problema, proporcionando o desenvolvimento das capacidades necessárias a cada ciclo de aprendizagem.

Este convívio social diário nos coloca frente a frente com os desafios de aprendizagem de cada estudante em específico e de todos os presentes na turma ao mesmo tempo. Nossa responsabilidade, assim, aumenta e requer de nós planejamento e ações que levem estes estudantes a construir conhecimentos, contribuindo com seu crescimento intelectual e, ao mesmo tempo, nos mostrando caminhos pedagógicos e didáticos no fazer diário.

Realizar pesquisa em sala de aula com nossos estudantes não é um hábito. Trabalhamos sistematicamente, mas não coletamos dados para pesquisa. A partir dos estudos nas aulas do Mestrado Profissional em Letras é que esta realidade se mostrou como urgente e necessária. Desta forma, todos os envolvidos nesse *locus* se tornam objetos de análises, os estudantes com suas maneiras de construir aprendizagens, interpretações, nós, os professores, com nossas práticas, nossas leituras, nossos planejamentos e consequente desenvolvimento e intervenção.

Considerando este contexto, buscamos os fundamentos da pesquisa interpretativista de Stella Maris Bortoni-Ricardo (2008, p. 10, grifos da autora), quando esta afirma que

A pesquisa em sala de aula insere-se no campo da pesquisa social e pode ser construída de acordo com um paradigma quantitativo, que deriva do **positivismo**, ou com um paradigma qualitativo, que provém da tradição epistemológica conhecida como **interpretativismo**.

Com essas falas de Bortoni-Ricardo, fomos delineando nossos caminhos metodológicos, porque entendemos que a escola é um meio social específico que está a serviço da sociedade como um todo. Que é por este meio que vamos construindo uma



sociedade mais humanizada e que entenda seus reais valores e os faça sobrepor aos desmandos sociais que vemos hoje estampados na televisão e nos jornais.

Enquanto professores, devemos entender, com Bortoni-Ricardo (2008, p. 32), que “[...] as escolas, e especialmente as salas de aula, provaram ser espaços privilegiados para a condução de pesquisa qualitativa, que se constrói com base no interpretativismo”. E que a pesquisa com pessoas reais, falantes reais em situações reais de uso de fala podem render muito mais ao nosso contexto que estudarmos os livros de séculos passados.

Ainda, segundo Bortoni-Ricardo (*idem*, p. 32-33),

O docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, tornando-se um professor pesquisador de sua própria prática ou das práticas pedagógicas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos. Vai também ter uma melhor compreensão do processo de ensino e de aprendizagem.

Este estudo embasou-se, portanto, nos pressupostos teóricos da pesquisa qualitativa e as análises descritivas e reflexivas foram amparadas no aporte da Sociolinguística Variacionista.

Procedimentos metodológicos: sequência didática

Para que pudéssemos apresentar com mais didática nosso planejamento, optamos pelo procedimento da sequência didática nos moldes de Dolz, Noverraz e Schneuwly. Consideramos com esses autores (2004, p. 82), que “Uma ‘sequência didática’ é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

No desenvolvimento da sequência didática focalizamos tanto a oralidade quanto a escrita, porque compreendemos que para a Sociolinguística Variacionista as duas formas são importantes e mostram dados e características diferentes. Além disso, Marcuschi (2008, p. 214) afirma que “A finalidade de trabalhar com sequências

didáticas é proporcionar ao aluno um procedimento de realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero”.

Dolz, Noverraz e Schneuwly afirmam (2004, p. 82) que, em atividades de comunicação/interação nas escolas, precisamos “Criar contextos de produção precisos [...] necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas” e, por isso, elegemos como suportes para apresentar a temática da variação linguística para estudantes do ensino Fundamental nos anos finais, vídeos e telas. Além, é claro, da interlocução e intervenções precisas em situações orais.

A organização da sequência didática que elaboramos seguiu o seguinte modelo: apresentação da situação; produção inicial; módulos 1, 2, 3 etc.; produção final. Deste modo, a introdução da temática partiu dos saberes dos estudantes (produção inicial, na maioria das vezes escrita, como no nosso caso) e finalizou com a produção final, na qual analisamos as diferentes ideias dos estudantes antes e depois de realizada a atividade proposta.

Na organização dos módulos da sequência didática, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 88) esclarecem que “O movimento geral da sequência didática vai, portanto, do complexo para o simples: da produção inicial aos módulos, cada um trabalhando uma ou outra capacidade necessária ao domínio de um gênero. No fim, o movimento leva novamente ao complexo: a produção final”. Deste modo, sempre é um eterno recomeço: complexo-simples-complexo e nestas produções nossos estudantes foram e vão construindo capacidades, aprimorando outras e desenvolvendo-se de modo pleno.

Dessa forma, (*idem, ibidem*, p. 89) “Em cada módulo, é muito importante propor atividades as mais diversificadas possível, dando, assim, a cada aluno a possibilidade de ter acesso, por diferentes vias, às noções e aos instrumentos, aumentando, desse modo, suas chances de sucesso”.

Em todas as atividades de interação em sala de aula, a participação dos estudantes é sempre muito importante. Ao participarem, constroem autonomia, ficam mais seguros de seus conhecimentos e isso melhora o desempenho deles em todas as atividades educacionais diárias.

Os passos da sequência didática



Apresentação da situação: Como falam as pessoas no exercício de suas funções.

Produção inicial: Solicitar que os estudantes criem um personagem, inspirados em situações reais e que descrevam como este personagem falaria.

Módulo I – Apresentação de falas de várias pessoas em situação de exercícios da função: professores, padres, pastores, advogados, policiais, bombeiros.

Oficina 1: Os diferentes modos de falar das pessoas.

Objetivo: Apresentar a temática aos estudantes.

Atividades: Diálogo interativo presencial inicial; mostrar através de telas e imagens impressas exemplos de diferentes modos de falar do povo brasileiro em distintas funções e discutir oralmente sobre algumas características sem mostrar, inicialmente, os conceitos da Sociolinguística.

Material: Projetor multimídia, telas e imagens fotocopiadas com diferentes expressões linguísticas.

Duração: Duas horas.

Oficina 2: Realizar a gravação em áudio dos textos produzidos na aula passada.

Objetivo: Familiarizar-se com as temáticas das variações de forma mais efetiva.

Atividades: Gravar áudios com a leitura dos textos produzidos no encontro anterior.

Material: Celular com gravador de voz e áudio.

Duração: Duas horas.

Oficina 3: Apresentação da variação linguística em vídeos de origem diversas.

Objetivo: Familiarizar-se com as temáticas das variações de forma mais efetiva.

Atividades: Apresentação dos vídeos: “Dia da imigração alemã”, com duração de 5:50’, no qual se mostra a fala de alguns descendentes de alemães residentes em Santa Catarina e de uma historiadora que discorre sobre a colonização; “Willmutt contra a dengue”, com duração de 0:30’, no qual os traços alemães também aparecem e “Linguajar Cuiabano”, com duração de 2:27’ em que se vê uma reportagem feita pela



equipe do Jornal da Tarde, transmitido pela emissora TV Brasil Oeste – TBO –, mostrando a variedade linguística dos entrevistados cuiabanos.

Material: Projetor multimídia, telas, vídeos com diferentes expressões linguísticas.

Duração: Duas horas.

Oficina 4: Produção de textos pelos estudantes com a seguinte orientação: o que é variação linguística?

Objetivo: Verificar o entendimento dos estudantes sobre variação linguística.

Atividades: Cada estudante, individualmente, responde a questão orientadora “O que é variação linguística” em folha separada para entregar.

Material: Folhas de papel, lápis, caneta.

Duração: Duas horas.

Produção final: Os estudantes, tomando por base suas produções iniciais, reescreverão suas interpretações sobre as variações linguísticas e seus aprendizados nas aulas posteriores sobre o assunto.

Apresentação e análise dos dados

O contexto macro de desenvolvimento de nossa sequência didática foi uma escola da rede municipal de Nova Mutum, Mato Grosso. O contexto micro foi uma turma de 6º ano do ensino fundamental. As atividades foram desenvolvidas no mês de novembro de 2016.

A primeira atividade planejada constou de uma conversa com os estudantes sobre os diferentes modos de falar das pessoas em distintas situações de comunicação. Após esta conversa, veio a proposta de produção de texto inicial, que poderia ser individual ou em dupla. Os estudantes deveriam criar um personagem, colocarem-se no lugar desse personagem eleito e escreverem a maneira como este personagem falaria em

seu contexto de atuação. Assim, nos textos dos estudantes, observamos falas de policial, padre, professor, pastor e advogados.

Como ainda não havíamos falado em variação linguística, eles perceberam, na hora da apresentação, que em cada texto havia marcas características de cada personagem e sua atuação na comunidade.

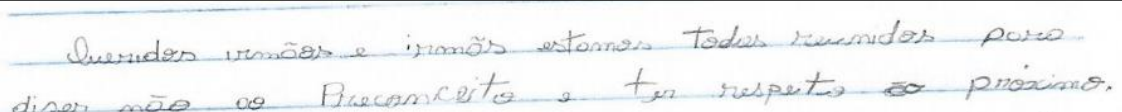
Com relação à produção inicial, os estudantes, após uma conversa inicial, iniciaram uma busca cognitiva pelos conhecimentos prévios sobre o que já haviam escutado sobre a variação linguística. Alguns responderam que são “os tipos diferentes de falar”; outros que “é várias formas de falar a mesma palavra”; Outros ainda afirmaram que são “as várias línguas diferentes”. Neste sentido, percebemos que os estudantes conseguem, pela interpretação das palavras “variações linguísticas” inferir alguns sentidos sobre o tema.

Já com relação à variação linguística que os mesmos apresentam na escrita, estas eles pouco conseguem identificar, seja pela idade, 11 ou 12 anos, seja por não refletirem ainda sobre essas variações como forma de aprendizagem.

Os textos analisados abaixo são os da produção inicial em que se solicitava aos estudantes que, a seu modo, criassem “um personagem, inspirados em situações reais e que descrevam como este personagem falaria”.

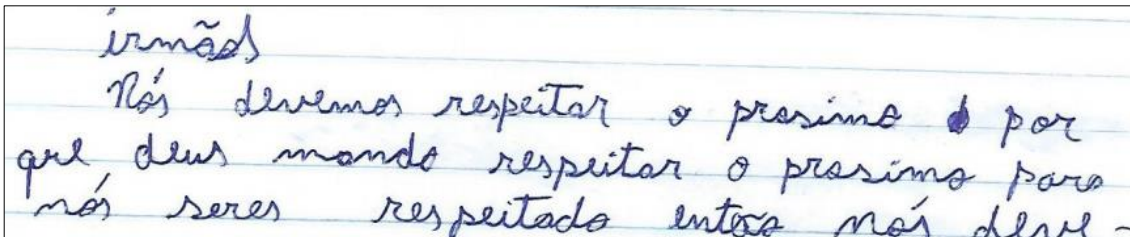
Para diferenciarmos os textos produzidos pelos estudantes, colocamos as referências T1, para o texto 1 (um); T2, para o texto 2 (dois) e assim sucessivamente e as iniciais dos nomes dos estudantes. Ex.: T1: L.A.A.S.

Assim, analisando os textos produzidos por estes estudantes, encontramos expressões como “queridos irmãos e irmãs”, “irmãos” que são características do léxico de pastores e padres, como mostram estes fragmentos abaixo.



Queridos irmãos e irmãs estamos todos reunidos para
dizer não ao Buzconceito e ter respeito ao próximo.

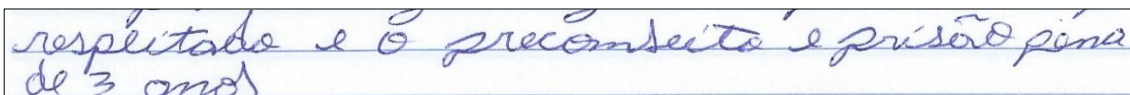
T10: R. S. e J.A. G.



irmãs
Nós devemos respeitar o próximo e por
que deus manda respeitar o próximo para
nós seres respeitados então nós deve-

T1: L. A. A. S. e D. B. S.

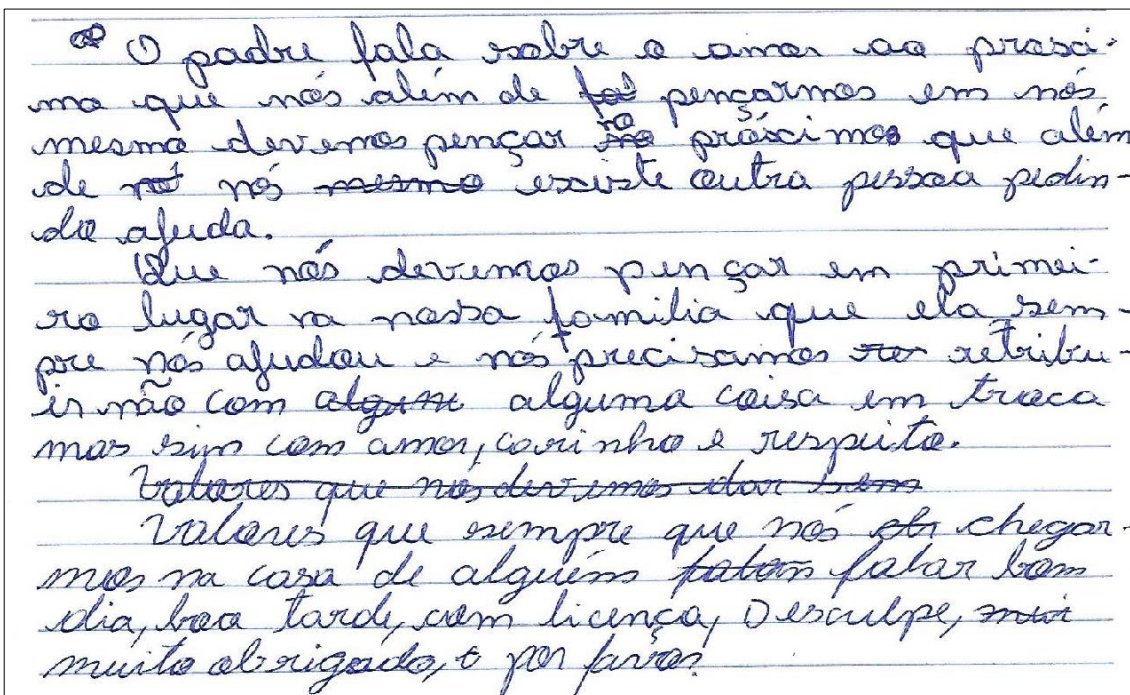
O termo “seres” usado no lugar de sermos aponta para uma variação discursiva por incorrer numa incoerência.



respeitado e o preconceito e prisão pena
de 3 anos

T2: F. e G.

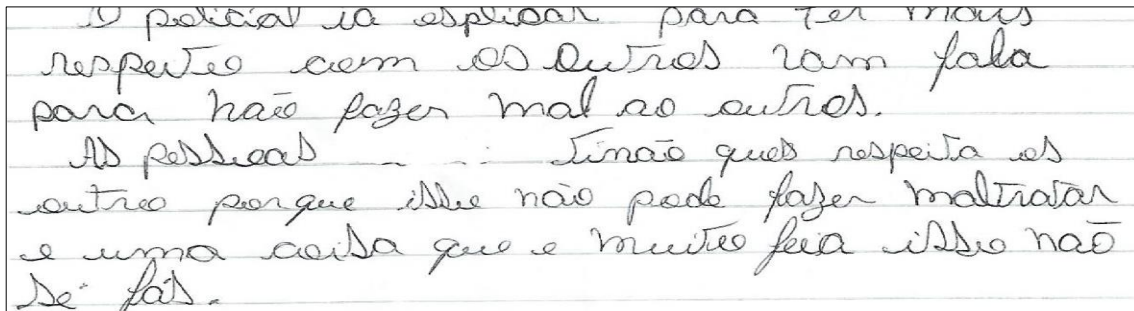
No excerto acima, o emprego do conectivo “e”, usado como elemento de coesão referencial e sequencial, poderia ter sido trocado pela variedade “além disso”, ocorrendo, assim, uma variação discursiva em virtude do pouco domínio dos recursos coesivos.



O pai fala sobre a amor ao próximo
mas que nós além de ~~foi~~ pensar em nós
mesmo devemos pensar ~~no~~ próximos que além
de ~~no~~ nós ~~mesmo~~ existe outra pessoa pedin-
do ajuda.
Que nós devemos pensar em primei-
ro lugar na nossa família que ela sem-
pre nos ajudou e nós precisamos ser retribu-
ir não com alguma coisa em troca
mas sim com amor, carinho e respeito.
~~Valeres que nos devamos dar~~
Valeres que sempre que nós ~~ela~~ chegar-
mos na casa de alguém ~~falem~~ falar bem
dia, boa tarde, bom licença, Desculpe, ~~mas~~
muito obrigado, e por favor.

T3: F. E. S. e C. T. A. S. S.

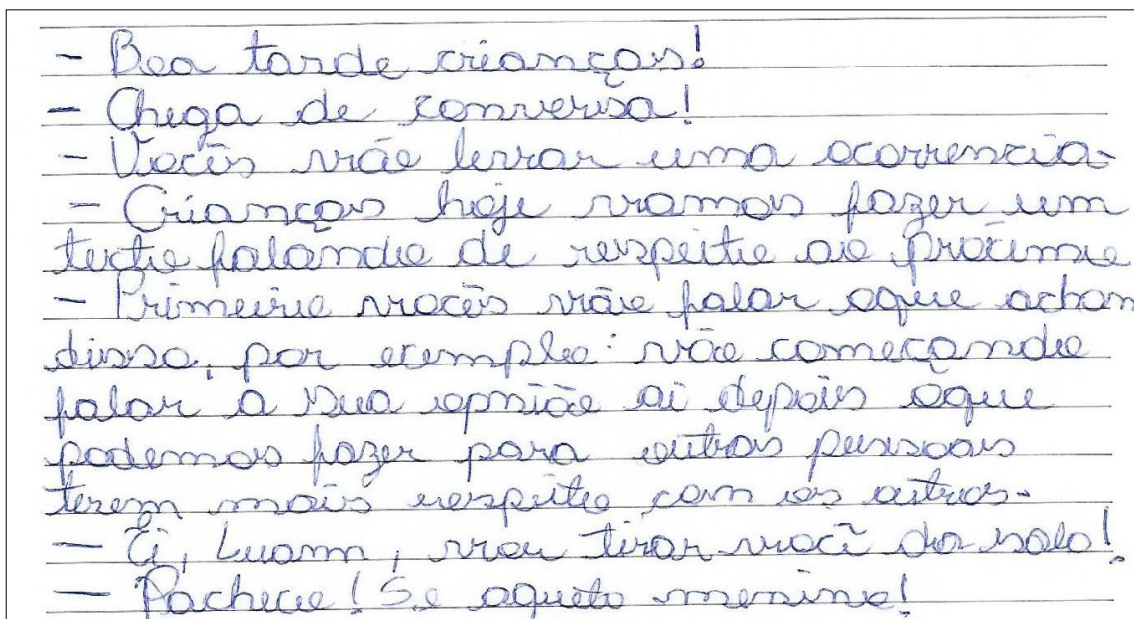
Já neste fragmento as estudantes não conseguiram estruturar um discurso, as marcas textuais “**que**” evidenciam essa inadequação, ou seja, a não “incorporação” da fala de um padre.



O policial ia explicar para ter mais respeito com os outros com fala para não fazer mal ao outros.
Os policiais - - - - - Não queb respeito os outros porque ilhe não pode fazer maltratar e uma coisa que e muito feia ilhe não de fat.

T4: E. W. e Y. E.

No excerto acima, o verbo ser “e” não foi acentuado, adquirindo o valor de uma conjunção aditiva.



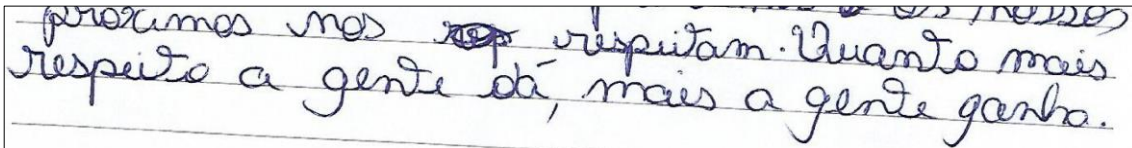
- Boa tarde crianças!
- Chega de conversa!
- Vocês vão ler uma ocorrência
- Crianças hoje vamos fazer um texto falando de respeito ao próximo
- Primeira vocês vão falar o que acham disso, por exemplo: vão começando falar a sua opinião aí depois o que podemos fazer para outras pessoas terem mais respeito com os outros.
- Ai, Luom, não tirar mão do bolo!
- Pacheu! Se aquilo merim!

T5: G. R. e G. F.

Nota-se nesse texto o emprego da palavra “aí” como elemento de coesão sequencial em substituição a preposição “e” é uma marca da oralidade para manter o diálogo em aberto. A escolha desse recurso típico da modalidade oral evidencia que os

estudantes, nesta faixa etária estão num processo de transição na escrita entre os recursos orais e os escritos.

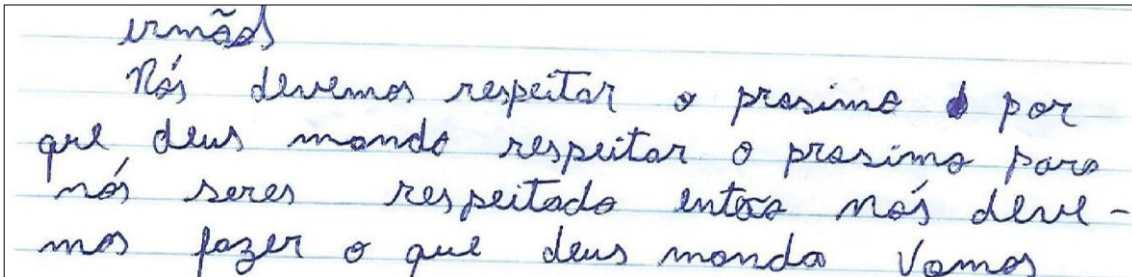
O excerto que segue mostra a coesão referencial por meio da repetição da palavra “gente”, demonstrando a necessidade de se trabalhar mais esse aspecto discursivo.



T6: K. e J.

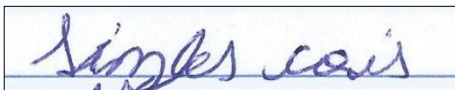
Aspectos morfológicos, morfofonológicos e morfossintáticos

As principais ocorrências destes aspectos seguem analisadas abaixo.



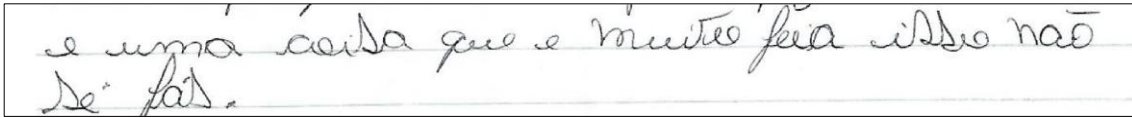
T1: L. A. A. S. e D. B. S.

O supracitado fragmento apresenta variação morfofonológica no tocante aos termos “proximo” no lugar de próximo e “vomos” no lugar vamos.



T2: F. e G.

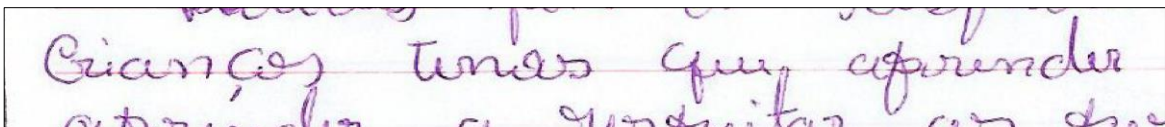
Nos excertos acima a referida variação ocorre em “aida” (ainda), ao eliminar o som nasal em virtude de ter provocado uma mudança no radical da palavra e num fonema.



e uma coisa que e muito feia isso não se faz.

T4: E. W. e Y. E.

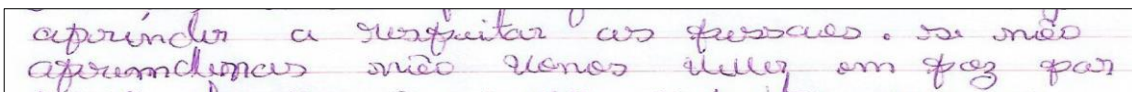
Outrossim, neste texto a variação morfofonológica se faz presente em “tinão” (tinham) e “fás” (faz).



Crianças tenas que aprender

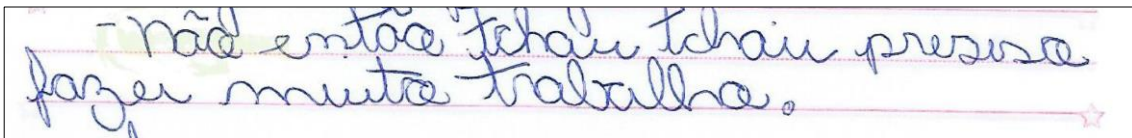
T7: A. B.

O trecho acima e o que segue apresentam variação morfofonológica em “tenas” e “crianças” no lugar de temos e crianças, respectivamente, além de “vonos” (vamos).



aprender a ensinar as pessoas. se não aprendemos não temos vez em vez por

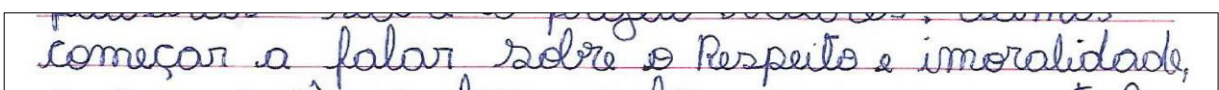
T7: A. B.



- não então tchau tchau preciso fazer muito trabalho.

T8: I. G. e M. E.

O excerto acima apresenta uma variação morfofonológica como o emprego da palavra “preso” no lugar de preciso. O mesmo é observado no texto que segue com o equívoco provocado pelos autores no uso do termo “imoralidade” ao invés de moralidade.



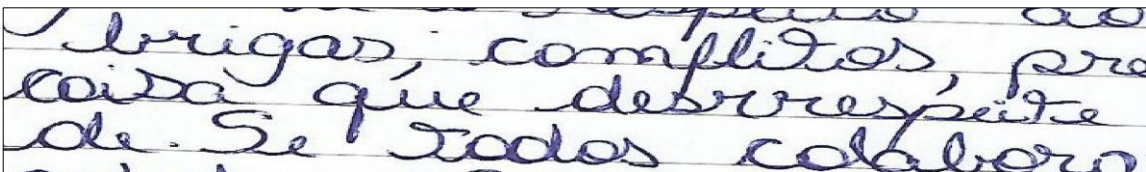
começar a falar sobre o Respeito e imoralidade.

T9: R. e N.

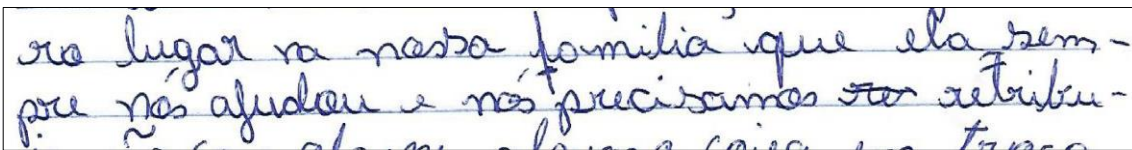


T3: F. E. S. e C. T. A. S. S.

Neste excerto acima ocorre o caso de não assimilação das convenções ortográficas, a troca da palavra pensar pela variante “pençar” constitui uma variação morfológica, conforme o trecho acima. Outros exemplos desse tipo de variação são os vocábulos “comflitos” e desrrespeite”, como se pode ver no fragmento que segue.

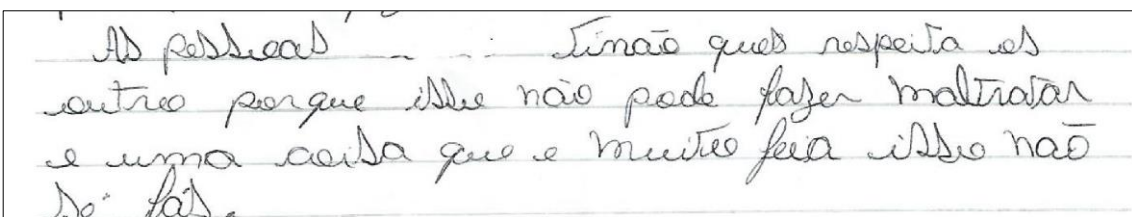


T6: K. e J.



T3: F. E. S. e C. T. A. S. S.

Os autores do texto supracitado empregaram o pronome pessoal do caso reto “nós” para exercer a função sintática de objeto, o que deveria ser feito pelo pronome oblíquo nos, ocorrendo, dessa forma, uma variação morfossintática.



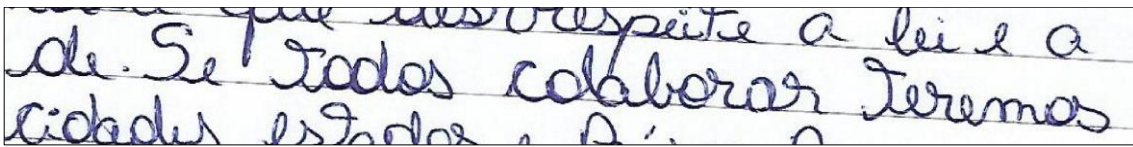
T4: E. W. e Y. E.

No trecho acima há uma variação morfossintática em “os outro” em virtude de uma inadequação da concordância nominal. Outro exemplo desse tipo de variação se encontra no excerto que segue, com o uso da expressão “os mais velho”, caracterizada pela eliminação do plural redundante.

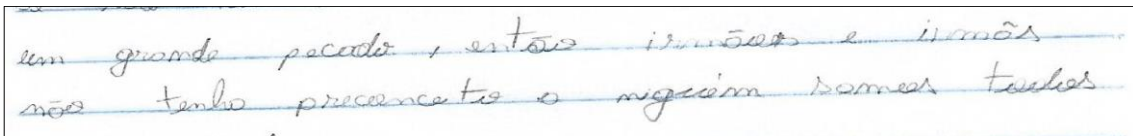


T8: I.G. e M. E.

A supracitada variação também se manifesta na alteração de concordância entre sujeito e verbo no excerto que segue. Em “Se todos colaborar [...]” os estudantes deveriam, de acordo com a norma-padrão, escrever “Se todos colaborarem [...]”



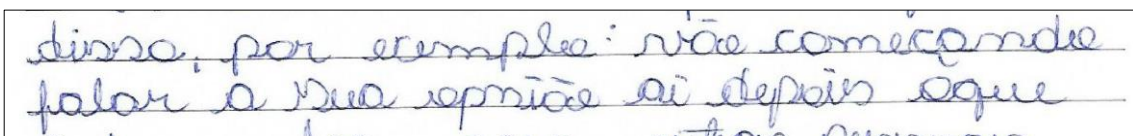
T6: K. e J.



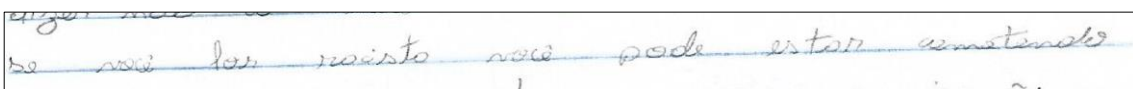
T10: R. S. e J. A. G.

A expressão utilizada no texto acima “preconceito a niguém” constitui uma variação morfossintática em virtude do fato de que a palavra preconceito exige a preposição contra.

Ademais, há uma variação morfofonológica produzida por uma síncope, que é a supressão de fonemas no meio do vocábulo “niguém”. O mesmo processo fonológico ocorre em “opnião”, como atesta o excerto abaixo.

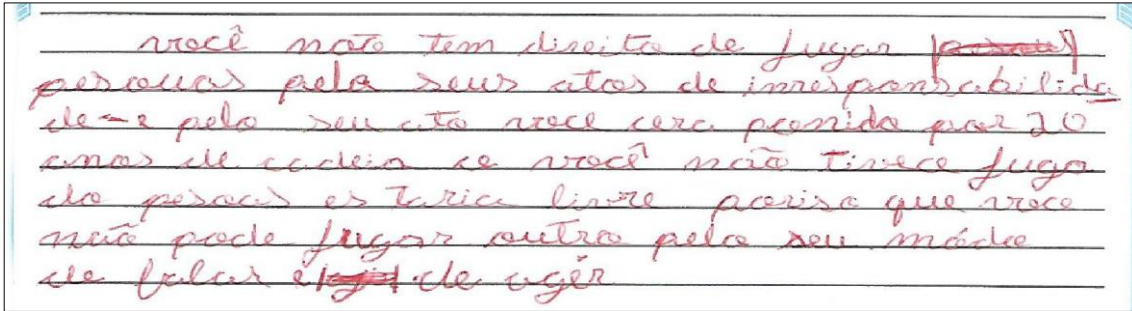


T5: G. R. e G. F.



T10: R. S. e J. A. G.

O trecho acima chama a atenção pelo uso de uma perífrase verbal “pode estar cometendo”, que caracteriza um vício de linguagem chamado de gerundismo. Como substituição, os autores poderiam escrever “estará cometendo” ou “poderá cometer”.



T11: J. W. S. e L. B. S.

O texto acima apresenta uma riqueza de processos fonológicos, tais como o apagamento da consoante líquida lateral /l/ em posição final de sílaba nos termos “jugar” (julgar) e “jugado” (julgado); ditongação como ocorre em “pesouas” no lugar de pessoas; epêntese, acréscimo de um segmento à forma básica de um morfema (“Inresponsabilidade”); hipercorreção (“ponido”); hipossegmentação (“Poriso”).

Outrossim, as variantes “cera” para será, “tivece” para tivesse e “ce” para se constituem variações morfológicas, ao passo que “pesoas” caracteriza uma variação morfofonológica.

No excerto abaixo, em “oque”, a hipossegmentação se faz presente em virtude da ação do grupo de força, caracterizando uma variação morfológica.



T8: I. G. e M. E.

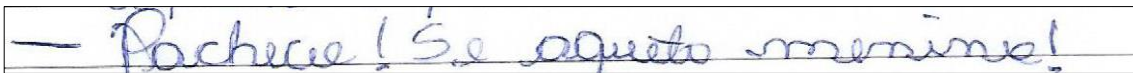
O texto que segue apresenta uma epêntese, processo fonológico caracterizado pelo acréscimo de um segmento à forma básica de um morfema, em “denfendo” no lugar de defendo.



Ei dempeindo as per Joan

T8: I. G. e M. E.

O processo fonológico denominado monotongação se presentifica no vocábulo “aqueta”, que elimina a vogal i antes do “e”, conforme texto abaixo.



Pachece! Se aqueto memime!

T5: G. R. e G. F.

Variação sintática

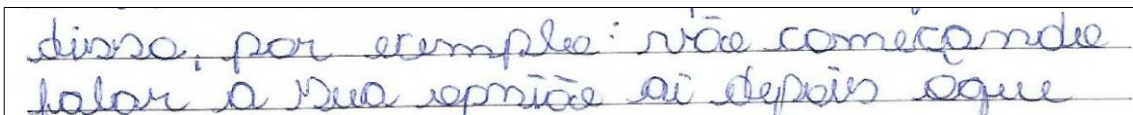
Os excertos abaixo apresentam duas ocorrências de variação sintática: a posição do pronome pessoal oblíquo acompanhado de um verbo no modo imperativo e a regência do verbo começar.



Pachece! Se aqueto memime!

T5: G. R. e G. F.

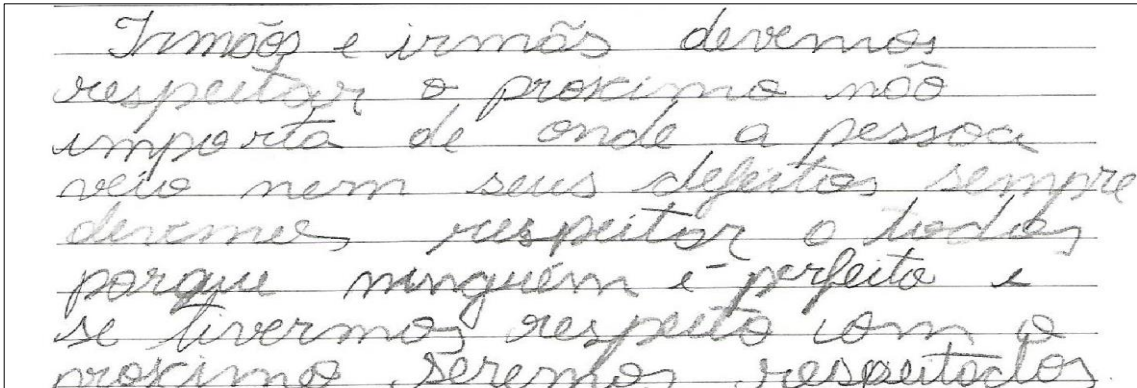
Diferentemente da gramática normativa, que apregoa que quando o verbo estiver no modo imperativo o pronome deve ser posto depois do verbo, caracterizando a ênclise, os autores propuseram uma próclise em “Se aqueta [...]”.



dissa, por exemplo: não começando
falar a sua opinião ai depois aque

T5: G. R. e G. F.

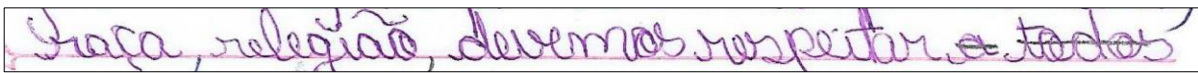
Nesse trecho, percebe-se a ausência da preposição “a” após o verbo “começando”, propondo-se uma nova regência.



Tudo e irmãos devemos
respeitar e prezamos não
importa de onde a pessoa
veio nem seus defeitos sempre
devemos, respeitar o todo
porque ninguém é perfeito e
se tivermos respeito com o
próximo seremos respeitadores.

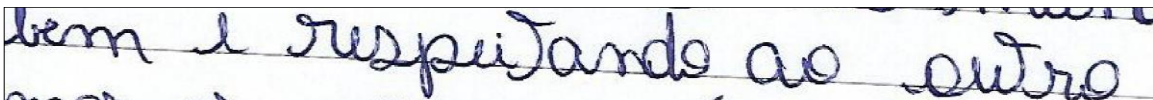
T12: E. S. e D. S.

O fragmento acima apresenta uma variação sintática no âmbito da regência, pois os autores escreveram “respeitar a todos” ao invés de respeitar todos. O mesmo ocorre nos excertos abaixo com o mesmo verbo.



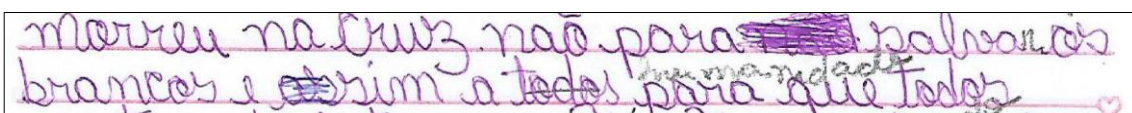
Graça, rejeição, devemos respeitar a todos

T13: K. F. S.



tem e respeitando ao outro

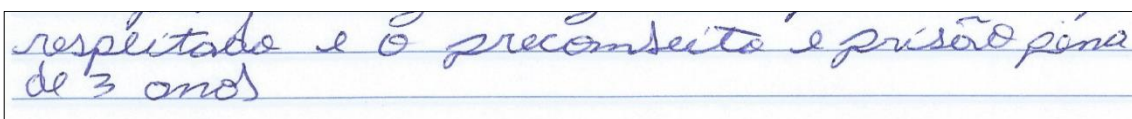
T6: K. e J.



morreu na Cruz não para salvar os
brancos e sim a todos para que todos

T13: K. F. S.

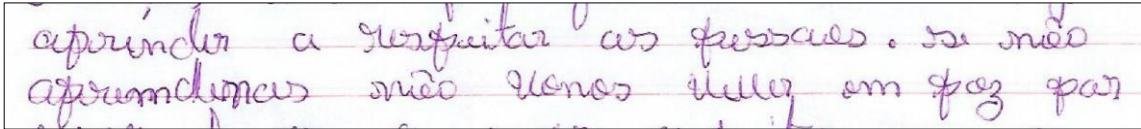
Além disso, K. F. S. construiu uma regência diferente para o verbo salvar em “salvou [...] a todos”, visto que neste caso o referido verbo pede, segundo a gramática normativa, um objeto direto, portanto, sem o emprego da preposição “a”.



respeitado e o preconceito e prisão pena
de 3 anos

T2: F. e G.

O excerto acima expressa uma variação sintática, visto que incorreu numa falha de coesão porque não conecta adequadamente a sequência “preconceito e prisão de 3 anos”, afetando a coerência do referido trecho. Talvez os estudantes quisessem expressar “[...] dá prisão com pena de 3 anos”.

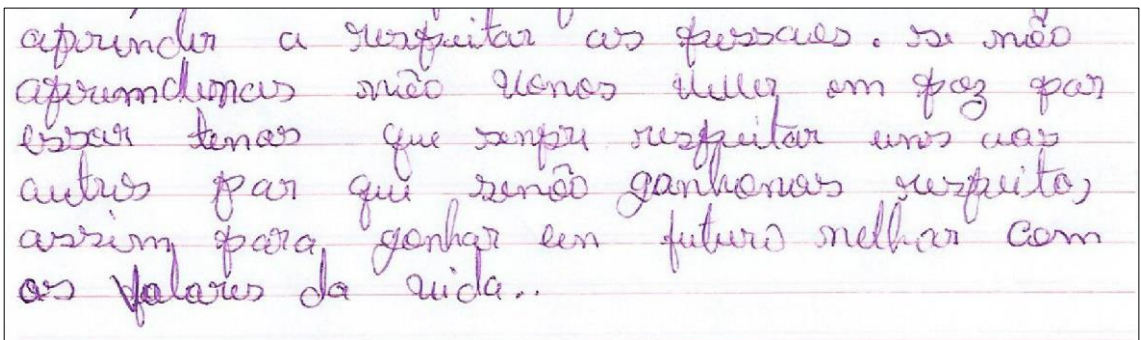


aprimenda a respeito as pessoas. se não
aprimendamos não vamos viver em paz por

T7: A. B.

No texto supracitado a frase iniciada com a conjunção condicional “se” apresenta uma variação sintática de ordem modo-temporal, visto que a forma verbal “aprimendas” está no modo indicativo tempo presente. A referida variação poderia ser substituída pela forma “aprendermos” no futuro do subjuntivo.

Ademais, percebe-se o emprego da perífrase “vamos viver” ao invés de viveremos.



aprimenda a respeito as pessoas. se não
aprimendamos não vamos viver em paz por
estar temos que sempre respeitar uns aos
outros por que senão ganhamos respeito,
assim para ganhar um futuro melhor com
os valores da vida..

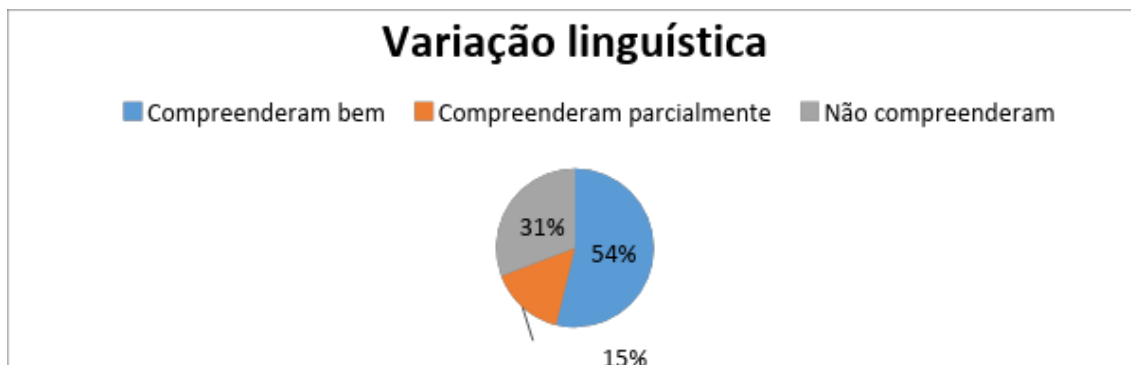
T7: A. B.

O trecho acima “assim para ganhar um futuro melhor com os valores da vida” não estabelece coesão com o excerto “senão ganhamos respeito”, faltando um **não** entre os termos “senão” e “ganhamos”, o que produz desta forma incoerência. Além disso, surge uma variação morfofonológica em “ganhamos” ao invés de ganhamos.

Variação Lexical

Quanto à variação lexical, não houve na materialidade dos textos marcas de diferenças quanto à escolha de palavras.

Sobre a aprendizagem do conceito variação linguística



Dos vinte e seis estudantes da turma, percebeu-se que 54 % demonstrou que aprendeu o que é variação linguística, expressando a apreensão por meio de uma conceituação própria. Dentre as respostas encontramos as seguintes afirmações: “para mim variação linguística é diferentes geitos de falar” L. A; “[...] varias falas diferentes de cada pessoa” G. S. R.; “[...] tipos deferentes de falar”, “diferentes linguagens e formas de falar” K. S; “[...] varios mó dos de falar a nossa língua” J. W. S; “São o jeito que nós falamos, gaúcho, cuiabano, Nordeste, Alemão e Italiano” R. S; “[...] as deferentes formas que falamos” G. F; “[...] a variação de linguagem de cada pessoa” E. A. K; “[...] variação linguistica é a coisa que todo mundo não fala igualmente” K. F. S; “[...] diferentes falas das pessoas e linguagem” N. B. P.

15% dos estudantes expressaram uma definição conceitual aproximada ao modelo sociolinguístico, como se pode observar a seguir: “[...] as diferentes formas de linguagem” E. Z; “[...] diferentes tipos de linguagem (falas)” I. G. F; “[...] diferentes formas de Linguas” G. R. D; “[...] modo de falar de outros tipos de linguagem.” Y.H.

Por sua vez, alguns estudantes não conseguiram definir variação linguística totalizou 31% (8). Suas definições foram: “é uma pessoa que fala varias que viala línguas e é as que nós falamos” J. A. G; “tipo de língua cúabana, gaúcha e alemão” J. A. A; “várias formas de falas exemplo: porta, carta, apontador” F. E; “[...] muitos linguas diferentes como cuabano’ A. B. C. S; “[...] variação da língua de cada pessoa” D. S. B;



“Que o cuiabano fala palavras longa” C. E. S. M; “[...] significado de varias linguas diferentes” C. T.

No tocante a este último grupo, não é possível afirmar que não houve, contudo, compreensão/aprendizagem do referido conceito, posto que os vocábulos *várias*, *línguas*, *falas* apontam para um certo nível de aprendizagem, mas que não possibilitou a formulação do conceito de forma objetiva. Portanto, é lícito afirmar que mais de 69% dos estudantes aprenderam sobre variação linguística, os demais estão em processo de construção desse conceito. Além disso, é interessante mencionar que a professora da turma, até o desenvolvimento dessas atividades, não havia trabalhado variação linguística com eles.

Considerações finais

A partir da análise dos dados, conclui-se que, no tocante ao conhecimento sobre variação linguística, os estudantes o adquiriram durante o desenvolvimento da sequência didática. As atividades com textos e vídeos auxiliaram nesta construção.

Quanto à aplicação da sequência didática numa perspectiva sociolinguística, os estudantes conseguiram, em sua maioria, construir o gênero solicitado de acordo com a situação de interação.

O *corpus* analisado evidenciou a predominância de aspectos morfossintáticos e sintáticos em detrimento dos discursivos e lexicais.

Referências

ALKMIM, Tania Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



CUNHA, Lucia Aparecida Albuquerque. O trabalho com a variação linguística: uma proposta de sequência didática para o ensino médio. 2012. **Anais do SIELP**, vol. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FERRAREZI JR, Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **Produzir textos na educação básica**: o que saber, como fazer. São Paulo: Parábola, 2015.

FRANÇA, Aniela Importa; FERRARI, Lilian; MAIA, Marcus. **A linguística no século XXI**: convergências e divergências no estudo da linguagem. São Paulo: Contexto, 2016.

GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Working Papers Linguístico**. 10, p. 73-91. Florianópolis, jan. jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/10749/12002>. Acesso em: 20 nov. 2016.

HORA, Dermeval. **Fonética e fonologia**. 2014. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf. Acesso em: 14 de jun. de 2016.

HORA, Dermeval da. AQUINO, Maria de Fátima S. Da fala para a leitura: análise variacionista. **Alfa**, São Paulo, 56 (3): 1099-1115, 2012

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

NASCENTES, Antenor. O tratamento de você no Brasil. In: **Letras**. Curitiba: UFPR, v. 6. n. 5, 1956. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20034/13216>. Acesso em: 06 nov. 2016.

OLIVEIRA, Elaine Vitorino de Moura. Como fala o adolescente: em foco, a concordância verbal e as redes de relacionamento social. 2013. **Revista Linguagem**. 21 ed. Ufscar. Disponível em: www.letas.ufscar.br/linguasagem/edicao21/artigos/artigo17.pdf. Acesso em: 28 set. 2016.

OLIVEIRA, Marco Antonio. **Conhecimento Lingüístico e Apropriação do Sistema de Escrita**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

OLIVEIRA, Tania Amaral; SILVA, Elisabeth Gavioli de Oliveira; SILVA, Cícero de Oliveira; ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. **Tecendo Linguagens**: Língua Portuguesa. 8º ano. 3. ed. São Paulo, IPEB, 2012.

OLIVEIRA, Tania Amaral; SILVA, Elisabeth Gavioli de Oliveira; SILVA, Cícero de Oliveira; ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. **Tecendo Linguagens**: Língua Portuguesa. 8º ano. 4. ed. São Paulo, IPEB, 2015.

REDEL, Rosângela; MARTINY, Franciele Maria. **Performance humorística**: a produção de um estereótipo de falante alemão-rondonense. 2016. Unisinos. **Calidoscópio**, vol. 14, nº 2, mai/agos. 2016. p. 199-208. Disponível em:



<http://revistas.unisinus.br/index.php/calidoscópico/article/view/cld.2016.142.02>. Acesso em: 20 nov. 2016.

SILVA, Albina Pereira de Pinho; SILVA, Richéle Timm dos Passos da; AYRES, Sandra Regina Braz; NAEDZOLD, Simone de Sousa. Trabalho com projetos de aprendizagem e as tecnologias digitais na formação continuada de educadores. In: SILVA, Albina Pereira de Pinho; CICHELERO, Marli; WETH, Oldemar. (Orgs.). **Formação de educadores: uma vivência com projetos de aprendizagem mediados pelas tecnologias**. Cáceres, MT: Edunemat, 2012. p. 81-99.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2013.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SOUZA, Edison Antônio. **O poder da fronteira: hegemonia, conflitos e cultura no norte de Mato Grosso**. Cuiabá: EDUFMT, 2013.

YOUTUBE. **Imigração alemã**. Publicado em 25 de julho de 2013. <https://www.youtube.com/watch?v=JkLy5dJIdS0>. Acesso em: 22 nov. 2016.

YOUTUBE. **Linguajar Cuiabano**. Publicado em 29 de agosto de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rjmSrbF6FkE>. Acesso em: 22 nov. 2016.

YOUTUBE. **Willmutt contra a dengue**. Postado em 15 de março 2008. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MmMhORxm_MM. Acesso em: 20 nov. 2016.

Recebido Para Publicação em 12 de maio de 2017.

Aprovado Para Publicação em 30 de junho de 2017.